

LETRAMENTO EMERGENTE: IMERSÃO INFANTIL NO MUNDO LETRADO

Carolina Campos Leite Loyolla ATAIDE¹
 Universidade Ibirapuera (UNIB)
 carol_loyolla@hotmail.com

Paula Fontana FONSECA²
 Universidade Ibirapuera (UNIB)

RESUMO: O processo de alfabetização sempre recebeu grande atenção por conta de sua relevância na sociedade e tem sofrido alterações, com o passar dos anos, de acordo com novas metodologias e abordagens propostas por estudiosos e pesquisadores da área. Neste artigo, apresentamos uma reflexão sobre a diferença entre a alfabetização e o conceito de letramento, o que possibilita um trabalho anterior à codificação e à decodificação de signos e símbolos. Os dois objetivos do artigo são, a saber: (i) contribuir para a sensibilização docente sobre a importância do letramento inicial, como preparação para a alfabetização formal e (ii) apresentar estratégias práticas para o letramento inicial. O arcabouço teórico que sustenta este trabalho são os estudos sobre alfabetização e letramento de Soares (2004, 2009, 2011), Ferreiro e Teberoski (1999), Dehaene (2012), Lerner (2002) e Clay (1966). A metodologia utilizada neste artigo é a revisão bibliográfica. Dessa forma, esperamos que este trabalho possibilite uma reflexão e uma ampliação do entendimento do que é a alfabetização e o letramento, antes compreendida como uma fase com idade específica, mas agora apresentada como um processo de longo prazo e contínuo.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização. Letramento emergente. Leitura de mundo.

EMERGENT LITERACY: CHILDHOOD IMMERSION IN THE LITERATE WORLD

ABSTRACT: The literacy process has always received great attention because of its relevance in society and has faced changes over the years, according to new methodologies and approaches proposed by researchers in the field. In this article, we present a reflection on the difference between *alfabetização* and *letramento*, both with the same meaning in English - literacy, which enables a prior approach from the coding and decoding of signs and symbols. The two goals of this paper are: (i) contribute to teacher awareness of the importance of early literacy as a preparation for formal literacy and (ii) to present practical strategies for early literacy. The theoretical framework that supports this article is the studies on literacy by Soares (2004), Ferreiro and Teberoski (1999), Dehaene (2012), Lerner (2002) and Clay (1966). The methodology used in this article is bibliographic. Therefore, we hope this paper allows a reflection and an amplification of understanding of what is literacy, previously understood as a phase with an specific age, but now presented as a long term and continuous process.

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Ibirapuera (UNIB), coordenadora pedagógica da rede particular de São Paulo e professora de curso de especialização em Práticas da Educação Bilingue pela UniDomBosco.

² Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), Mestre em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP), docente do curso de Mestrado em Educação da Universidade Ibirapuera (UNIB) e psicólogo do Serviço de Psicologia Escolar do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP).

KEY WORDS: Literacy. Emergent. World reading.

RECEBIDO EM: 01 de setembro de 2020

ACEITO EM: 22 de outubro de 2020

PUBLICADO EM: dezembro de 2020

1 INTRODUÇÃO

A alfabetização é um processo muito antigo que já passou por diversas quebras de paradigmas e ainda, certamente, será analisado por tantos outros estudiosos. Ancorados em autores como Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999), Paulo Freire (2011) e até mesmo em Vygotsky (1988), verificamos que saímos de uma prática mecanizada e temos percorrido um longo caminho para uma prática mais humana, envolvendo muito mais do que a codificação e a decodificação de signos alfabéticos, isto é, o aprendizado das letras.

A partir de um estudo mais amplo sobre o termo *literacy*, dado a partir da década de 80, o campo da alfabetização foi ampliado para algo maior do que o aprendizado dos signos. Partindo das reflexões de Magda Soares (2004), este artigo explorará, de maneira mais profunda, a origem do termo letramento e sua aplicação no dia a dia, dentro da escola e fora dela.

A origem deste termo foi apontada por Soares (2009), que localizou a presença desta nova palavra, em nosso país, nas produções de duas pesquisadoras - Mary Kato (1986) e Ângela Kleiman (1995). Conforme também nos aponta Grando (2012), “o surgimento de uma nova palavra sempre está ligado à falta de uma palavra que possa explicar o sentido de algum fenômeno. E foi nesse contexto que surgiu o termo letramento” (p. 2).

A partir de uma realidade brasileira, de altos índices de analfabetismo funcional, percebeu-se que não era mais suficiente aprender apenas os códigos para que houvesse

uma sociedade de leitores competentes, com um mínimo de compreensão e aplicabilidade do conhecimento adquirido. Era necessária a reflexão sobre as demandas diárias da leitura e da escrita, decorrentes da realidade do brasileiro de comunicação e organização por meio destes códigos. Isto é, não bastaria saber reconhecê-los, mas seria necessário saber utilizá-los para suas necessidades diárias. Desta forma, Soares (2011) explica que “uma nova realidade social trouxe a necessidade de uma nova palavra” (p. 29).

A partir de uma explanação um pouco mais ampliada dos conceitos de alfabetização e letramento, e baseados em estudiosos e pesquisadores da área, como Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999), Délia Lerner (2002) e Marie Clay (1966), traremos o debate atual acerca da alfabetização como algo amplo, contínuo e de longo prazo, que não tem uma data inicial e final pré-estabelecida, mas passa por uma construção multisseriada, isto é, seu percurso envolve diferentes ciclos e momentos da escolarização. Também refletiremos sobre a importância da imersão da criança pequena nas práticas de leitura de mundo, conforme nos ensina Freire (2011), antes mesmo de atingir a idade apropriada para a compreensão dos códigos e símbolos.

Ainda pensando no processo de letramento, momento este que precede a alfabetização, este artigo refletirá sobre as práticas diárias da Educação Infantil, com a intenção de apontar estratégias de letramento dentro do dia a dia escolar, na primeira infância, com crianças de até cinco anos, envolvendo a imersão no mundo letrado. Isto é, além de proporcionar uma reflexão de cunho teórico, temos a intenção de sensibilizar o professor das séries iniciais sobre a importância de sua prática pedagógica de letramento, mostrando como esta abordagem pode proporcionar à criança um processo de alfabetização mais reflexivo e significativo.

2 DA ALFABETIZAÇÃO AO LETRAMENTO

Há pouco mais de três décadas, no final dos anos 80, uma análise mais profunda do conceito *Literacy* foi realizada, resultando em uma mudança de compreensão deste processo. De acordo com uma pesquisa desenvolvida por Magda Soares (2004), verificamos que essa palavra em inglês, antes traduzida apenas por alfabetização, passou a ser separada em mais uma definição - o letramento. Segundo ela, o surgimento deste novo conceito "pode ser interpretado como decorrência da necessidade de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico" (p. 19).

A alfabetização, ainda segundo Soares (2004), pode ser entendida como a apropriação da criança ao sistema convencional de escrita, ou seja, é o ensino da habilidade de ler e escrever, ou ainda, o ato de aprender a decodificar e a codificar as letras e símbolos. Já o letramento vai além disso. Ele é "o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais" (SOARES, 2004, p. 19). Isto é, ocupa-se da função social da leitura e escrita, uma vez que:

Um indivíduo alfabetizado não é um indivíduo letrado: alfabetizado é um indivíduo que sabe ler e escrever, já o indivíduo letrado vive em estado de letramento, é, não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, responde adequadamente as demandas sociais da leitura e da escrita [...]. (SOARES, 2009, p. 39 - 40).

Deste modo, entendemos que o letrado possui controle destas habilidades nas mais diversas situações e práticas diárias, utilizando-as para se comunicar, informar, organizar, compreender, inspirar, dentre outras funções. Por conta desta demanda, entendemos que não basta o ensino dos códigos (letras) durante a primeira infância da criança, mas a escola

deve também ocupar-se da introdução dos alunos às demandas sociais de leitura e escrita.

Lerner (2002) nos ajuda a compreender a complexidade deste papel escolar:

Ensinar a ler e escrever é um desafio que transcende amplamente a alfabetização em sentido estrito. O desafio que a escola enfrenta hoje é o de incorporar todos os alunos à cultura do escritor, é o de conseguir que todos os seus ex-alunos cheguem a ser membros plenos da comunidade de leitores e escritores. (p. 17)

Após a compreensão da diferença entre a alfabetização e o letramento, apresentamos uma reflexão a respeito do seguinte questionamento: É possível uma criança ser letrada antes mesmo de ser alfabetizada?

3 LETRAMENTO EMERGENTE

Emergent literacy (letramento emergente) é um termo usado para explicar a importância do conhecimento prévio de algumas singularidades da leitura e da escrita antes da introdução do processo formal de aprendizagem das letras. Crianças pequenas, entre dois e cinco anos de idade, já estão no caminho de se tornarem leitores e escritores, apesar de não terem domínio do código alfabético. Portanto, a partir desta ótica, nossa reflexão anterior possui uma resposta clara: sim, é possível que alguém seja letrado antes mesmo de estar formalmente alfabetizado.

Marie Clay (1966) introduziu o termo *emergent reading* (leitura emergente) com o objetivo de descrever os primeiros comportamentos leitores presentes na infância, mesmo antes da alfabetização formal. Neste processo inicial, de longo e contínuo prazo, a criança é estimulada a entender e utilizar a linguagem, seja ela oral ou escrita, de maneira intencional, a fim de que entenda sua função na sociedade.

Apesar de compreenderem a importância deste contato inicial com o mundo letrado, Powell, Diamond e Koehler (2009) comentam que práticas de letramento inicial dentro da Educação Infantil não são tão frequentes, especialmente por conta da falta de capacitação específica para estes docentes. As abordagens e métodos de alfabetização vêm caminhando e se transformando, desde a década de 80, para um processo mais humanizado. Porém, muitos educadores ainda têm como referência metodologias mecanizadas de ensino dos códigos alfabéticos e, mais que isso, declaram que esta prática é funcional e efetiva. De fato, muitas metodologias possibilitam atingir o objetivo formal da alfabetização, que é a compreensão destes símbolos – as letras. Mas, nem todas proporcionam uma análise mais profunda das funções destes códigos, permitindo a criança aprender a partir de sua própria reflexão sobre a aplicabilidade destes.

Ainda sobre este tema, Vial e Henn (2013), em seu artigo a respeito da formação docente na perspectiva do letramento, confirmam que "alguns professores consideram-se competentes o suficiente para o exercício da docência e desconsideram a formação continuada" (p. 2). Apesar de sua reflexão estar pautada em professores de ensino fundamental, vemos esta mesma realidade dentro da Educação Infantil, especialmente pelo fato de alguns não se considerarem responsáveis pelo tema do letramento, já que seus alunos não estão na idade entendida como apropriada para o aprendizado dos códigos alfabéticos.

A alfabetização tem sido enxergada nas últimas décadas, dentro e fora do Brasil, como uma prática particularmente reservada a professores e alunos do primeiro ano e do segundo ano do ensino fundamental. De fato, esta é a idade recomendada pelo Governo Federal através do Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa - PNAIC. Porém, tratamos aqui, conforme Soares (2004) nos auxiliou a compreender, de algo maior que a

alfabetização: o letramento como possibilidade de uma leitura de mundo, uma prática social e uma trilha de preparação para o processo formal.

Portanto, é evidentemente necessária a sensibilização dos educadores da primeira infância em relação a este tópico, auxiliando-os a entender os melhores percursos que podem ser trilhados e de que maneira é possível introduzir práticas de letramento na Educação Infantil, antes do aprofundamento do processo de codificação e decodificação de letras.

4 ESTRATÉGIAS DE LETRAMENTO NA PRIMEIRA INFÂNCIA

O professor de Educação Infantil tem um grande papel na formação holística da criança, levando em consideração aspectos socioemocionais, pedagógicos e cognitivos. Contudo, é necessário que ele compreenda também o seu valor e a sua responsabilidade na vida dos alunos, no que se diz respeito à formação do sujeito letrado.

O aluno exposto a uma realidade educativa em que se foca também a exposição a demandas sociais da leitura e da escrita, consegue "*ler*" a sociedade de forma que alguns adultos alfabetizados, mas não letrados, ainda não têm habilidade ou capacidade, por conta de sua limitação em decifrar apenas códigos, e não o mundo. É preciso reconhecer as pequenas conquistas diárias que as crianças apresentam ao serem expostas a este tipo de estímulo em sala de aula, pois tais conquistas já fazem parte do caminho a ser trilhado para a formação de um leitor competente.

Crianças que ainda não escrevem, mas que elaboram por meio de desenhos ou rabiscos cartas ao Papai Noel, à Fada do Dente, a familiares e amigos, já compreendem uma das funções da escrita: transmitir uma mensagem e interagir com o outro. Algumas outras ainda acompanham uma lista de compras no mercado, ou até elaboram as suas

próprias listas por meio de ilustrações dos produtos faltantes em suas casas. Estes também já aprenderam algo importante: a escrita pode nos ajudar na organização diária e no planejamento de nossas tarefas. E há aqueles que são capazes de nomear rótulos, *outdoors* ou títulos de lojas e marcas famosas, sem antes deciframos os códigos presentes neles. Estas crianças já puderam compreender que as letras podem dar nomes aos objetos, aos lugares e também às pessoas. Veja o quanto estes pequenos “*analfabetos*” são capazes de fazer, sem antes conhecerem profundamente o significado de cada código da escrita.

Durante os primeiros anos de vida, as crianças aprendem a usar as formas orais da linguagem (ouvir e falar) e depois começam a explorar e a compreender as formas gráficas (ler e escrever). Cabe a nós estimular, desde o nascimento, a aquisição destas habilidades iniciais e apresentar o mundo alfabético de modo que a criança se sinta atraída a esta realidade, e deste modo, quando chegar a hora da alfabetização formal, esta seja apenas mais uma das tantas etapas de todo este percurso.

No contexto escolar, entendemos ser importante ter em mente que o letramento pode ser introduzido desde o primeiro ano de vida, porém deve envolver sempre práticas lúdicas, de forma que não impeça as descobertas da criança.

Não podemos confundir práticas de letramento com o ensino precoce das letras. Conforme já comentado, o letramento envolve mais do que o aprendizado dos códigos, isto é, das letras. Ele diz respeito à imersão na literatura infantil, à cultura, às práticas de oralidade, à leitura de mundo, à observação de modelos (pais e professores), dentre outras expressões e práticas da linguagem. Bauer e Gort (2012) comentam que a "alfabetização não envolve somente formas escritas de linguagem, mas também outros sistemas de símbolos, como linguagem oral, desenho, movimento, música” (p. 41, tradução nossa).

A linguagem oral, presente desde os primeiros anos de vida, pode ajudar no processo futuro de alfabetização. A comunicação com os pequenos, mesmo que ainda não

compreendam tudo o que lhes é falado, é essencial para que explorem as possibilidades de sua própria linguagem, emitindo sons, diferentes fonemas e tentando pronunciar novas palavras e vocabulários, necessários para se comunicar. Essa experiência com a língua permite que o bebê convoque os adultos e expresse diferentes sentimentos e solicitações, fazendo uso de diferentes interjeições sonoras. A brincadeira com a linguagem oral e a exploração de sua capacidade sonora deve ser algo divertido para os bebês, tornando cada etapa de desenvolvimento prazerosa.

Stanislas Dehaene (2012), neurocientista francês, nos ajuda a entender melhor o que a criança é capaz de fazer e interpretar desde os primeiros meses de vida, mostrando o quão importante é a oralidade nesta fase e o quanto ela pode influenciar na futura habilidade de ler e escrever:

Como está organizado o cérebro da criança antes da aprendizagem da leitura? (...) Desde os primeiros meses de vida, a criança demonstra uma competência excepcional para a discriminação dos sons da fala. (...) O cérebro da criança extrai os segmentos da fala, os tria e os classifica como faria um naturalista ou estatístico. Ele explora as regularidades das cadeias que escuta para deduzir quais transições sonoras são possíveis e elimina aquelas que devem ser excluídas. (...) No momento em que ela começa a ler, estima-se que a criança de 5 ou 6 anos possua uma representação detalhada da fonologia de sua língua, um vocabulário de vários milhares de palavras e um domínio das principais estruturas gramaticais e da forma pela qual elas veiculam o significado. (DEHAENE, 2012, p. 215 - 216).

Isto é, não importa em qual língua a criança tenha estímulos em sua primeira infância ou em qual cultura ela esteja inserida; o importante e essencial é que ela seja exposta à oralidade e inserida na cultura, transformando estes estímulos em uma ampla e significativa bagagem que lhe será muito útil no processo de alfabetização e de letramento.

Ao mesmo tempo em que estão aprendendo sobre linguagem oral, as crianças fazem simultaneamente inúmeras descobertas por meio da brincadeira e da interação com

o outro. Os pequenos também aprendem, por meio de suas experiências coletivas, onde a linguagem oral pode ser usada a seu favor, promovendo momentos criativos de “faz de conta” e brincadeiras simbólicas.

Além da oralidade, da qual já compreendemos a importância, brincar utilizando o seu corpo (mãos, dedos, braços, pés) pode também ser um excelente estímulo. As habilidades exercitadas durante brincadeiras e propostas não-dirigidas como, por exemplo, brincar de massinha ou utilizar pequenos objetos como instrumentos de seu fazer criativo, fazem parte do caminho do letramento: pegar e segurar objetos, ou rolar, apertar e criar com massa de modelar contribui para exercitar destreza com os pequenos músculos (mãos e dedos), o que facilitará o manuseio de lápis, giz e canetinhas. Além disso, é comum ver crianças se aventurando na construção de letras de seu nome ou números com este material; basta criar novos desafios e sair do convencional, dando possibilidades de interação com este tradicional recurso.

Outro exemplo eficaz que se pode agregar ao percurso do letramento é o trabalho com musicalização na primeira infância. Além de ampliar repertório de vocabulário por meio de músicas, ao seguir direções de movimentos presentes nela - como direita/esquerda, cima/baixo, frente/trás - as crianças ganham experiência com organização espacial, o que os ajudará futuramente a se localizar e organizar na folha ou nas linhas, escrevendo da esquerda para a direita, de cima para baixo, etc.

Ampliando o campo da musicalização para o trabalho com poemas e rimas, entendemos que é possível desenvolver a consciência fonológica das crianças auxiliando-as, por exemplo, a reconhecerem a relação entre a letra e seu som e também os fonemas emitidos ao pronunciarem as palavras. Ao refletir sobre os sons finais de cada rima, a criança passará a compreender que a fala e a grafia daquelas palavras têm uma importante conexão.

Outro elemento potente para a construção de um percurso significativo de letramento é o trabalho com nomes próprios. Brincar com os nomes das crianças e envolvê-los no máximo de propostas possíveis - chamada, organização de grupos, ajudantes do dia, brincadeiras de rimas com os nomes da turma, dentre outras estratégias - ajudará a criança a compreender que seu nome é estável, isto é, independente de quando e onde forem escritas, as letras de um nome não sofrem alterações.

O trabalho com outros nomes, sejam estes de seus colegas de sala ou de familiares, também possibilita à criança a ampliação de seu repertório de letras, que futuramente será usado como referência em suas primeiras tentativas de escrita espontânea.

Dentre as várias estratégias, não podemos deixar de citar a proposição de um ambiente alfabetizador. Segundo Emília Ferreiro (1999), criar um ambiente alfabetizador significa "organizar a sala de aula de maneira que favoreçam a aquisição de conhecimento e obtenha-se ou desenvolva-se a participação em práticas de leitura e escrita. A participação ativa das crianças nesses momentos de letramento configura um ambiente alfabetizador" (p. 35). Cantos de leitura, diferentes portadores de textos expostos (jornais, revistas, dicionários, folhetos, embalagens), alfabeto, sequência numérica, calendário, quadro de aniversariantes, painel de ajudantes, dentre outros estímulos visuais possibilitam que a criança tenha diversas oportunidades de interagir com o mundo letrado, compreendendo também algumas das funções da leitura e da escrita.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da reflexão a respeito dos conceitos de alfabetização e de letramento, originários da tradução da palavra *literacy* e nomeados a partir de estudos da década de 80, acreditamos que foi possível verificar a diferença da aplicação destes conhecimentos no

dia a dia da sala de aula, além de compreender o momento escolar em que ambos podem ser introduzidos.

Retomando a importância da atuação do professor de Educação Infantil no letramento emergente, pudemos concluir que este profissional tem um papel determinante no desenvolvimento da habilidade de ler e escrever da criança, já que as práticas sociais de leitura e escrita estão presentes em suas vidas desde os primeiros meses, mesmo que ainda não compreendidas por elas.

Entendemos que é papel dos educadores da primeira infância iniciarem as crianças neste mundo, sem o objetivo de introduzir precocemente as letras e seus significados, mas com a intenção de deixá-las à vontade nesta realidade letrada, preparando o território para o recebimento de novas informações a respeito das letras.

Com base nestas reflexões e considerando a análise bibliográfica realizada, esperamos que tenha sido possível sensibilizar educadores leitores desta pesquisa de que não há um período pré-estabelecido, fechado e de curto prazo em que se deva realizar o processo de alfabetização e de letramento, já que este é um percurso longo de conquistas, reflexões e explorações de um mundo que vai além da codificação e da decodificação.

O mundo letrado é recheado de experiências maiores do que os símbolos que o representam. A ele pertencem outras linguagens e manifestações da infância, como o brincar, a interação com o outro e a linguagem oral. E após percorrer esta trilha de conquistas e descobertas, a linguagem escrita é agregada como algo a somar ou, ainda, como uma nova etapa deste longo processo de reflexões, sem que haja uma ruptura com o lúdico, mas uma integração do pedagógico, do social e do cultural.

O letramento e a alfabetização precisam ser pensados como interdependentes, de modo a promover um tempo e um espaço para as diversas aprendizagens ao longo da infância. Considerando a realidade da sociedade brasileira, o debate acerca do tema se

torna central para a elaboração de políticas públicas que visem à formação de uma geração de leitores que não só codificam e decodificam símbolos, mas que também conhecem as demandas sociais da escrita, sendo capazes de utilizá-las em seu dia a dia.

REFERÊNCIAS

- BAUER, E. B.; GORT, M. **Early Biliteracy Development**: exploring young learners' use of their linguistic resources. New York: Routledge, 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: formação do professor alfabetizador. Brasília: MEC/SEB, 2012.
- CLAY, M. M. **Emergent reading behaviour**. Tese de Doutorado. New Zealand: University of Auckland, 1966.
- DEHAENE, S. **Os neurônios da leitura**: como a ciência explica a nossa capacidade de ler. Tradução por: Leonor Scliar - Cabral. Porto Alegre: Penso, 2012.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FREIRE, P.; MACEDO, D. **Alfabetização**: leitura do mundo, leitura da palavra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- GRANDO, K. B. **O letramento a partir de uma perspectiva teórica**: origem do termo, conceituação e relação com a escolarização. In: IX Seminário Anped Sul.: Caxias do Sul, 2012.
- KATO, Mary. **No mundo da escrita**: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1986.
- KLEIMAN, Ângela. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 1995.
- POWELL, D. R., DIAMOND, K. E., KOEHLER, M. J. Effects of an early literacy professional development intervention on head start teachers and children. **Journal of Education Psychology**, v. 102, n. 2, p. 299-312, 2010.
- SOARES, M. Alfabetização e Letramento, Caminhos e Descaminhos. **Pátio: Revista Pedagógica**, Porto Alegre, n. 29, p.18-22, fev./abr. 2004.
- SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

LERNER, D. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

VIAL, J. A. L. S; HENN, I. A. **Formação docente e perspectivas do letramento**. *In*: Cadernos PDE - Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor. v. 1. Governo do Estado do Paraná, 2013.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.